

CAPA

Estudantes contra Moro

QUEREM A SAÍDA DO MINISTRO
E LULA SOLTO POR CAUSA DA ATUAÇÃO
DO INQUISIDOR. JÁ A MAIORIA
DA POPULAÇÃO REAGE DE FORMA
ESQUIZOFRÊNICA, ENREDO
DE CAUSAS VARIADAS,
A COMEÇAR PELO ERROS DO PT

por ANDRÉ BARROCAL

Aos 23 anos, amineira Clarice Menin cursa Economia na Universidade de Brasília, a UnB, e dirige o Diretório Central dos Estudantes por lá. Dona de uma visão meio reacionária da vida, impressionou-se com as mensagens secretas de Sérgio Moro, reveladoras da quebra do dever de todo magistrado de ser neutro e imparcial. Não a ponto de achar, porém, que o troféu do ex-juiz está salvo. “As conversas não inocentam o Lula, mas incriminam o Moro. Eu acho que o Moro precisa ser julgado”, diz Clarice. Uma visão exemplar de um fenômeno reinante no País, a esquizofrenia, um distúrbio mental caracterizado pelo descolamento entre pensar, sentir e

agir, uma forma comum de demência. A maioria dos brasileiros pensa que a conduta do ex-juiz nos diálogos foi inadequada (58%) e que suas decisões devem ser revistas (58%), segundo uma pesquisa do Datafolha, mas não acha que ele precise deixar o Ministério da Justiça por isso (54%), nem que o julgamento de Lula tenha sido injusto (54%).

Desse transtorno os estudantes escapam. Entre eles prevalece, é verdade que sem muita folga, a certeza de que o petista foi injustiçado, 50% a 46%. Explicado por que o 57º Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE) começou na quarta-feira 10 à noite com gritos de Lula Livre. Um espírito que chegou ao empoeirado vidro traseiro do carro da reportagem de *CartaCapital*, parado nas cercanias da UnB, o palco do congresso: “Lula livre



Para eles,
a verdade
factual
prevalece



Saiu um áudio de Dallagnol para enfraquecer
a linha de defesa da Vaza Jato



nessa porra!!!!”, alguém escreveu com o dedo. No dia seguinte, Glenn Greenwald, o jornalista que tira o sono de Moro, foi ao Senado e, à tarde, ao evento da UNE, onde participou de um painel de debates intitulado “Poderes, segredos e democracia: a publicação de fatos de interesse público e a informação como direito básico”. Tinha sido convidado, devido ao interesse da direção da entidade de entender o método que o americano tem usado na divulgação do material secreto e o porquê de não ser ilegal a postura do The Intercept de publicar mensagens que Moro diz terem nascido de *hackeamento* criminoso.

O *site* divulgou nos últimos dias o primeiro áudio. Não de Moro, e sim daquele que as conversas do ex-juiz mostraram tratar-se de seu “conje”, tal a intimidade entre ambos, Deltan Dallagnol,

o chefe da força-tarefa da Operação Lava Jato em Curitiba. O áudio é de 28 de setembro de 2018. Dallagnol conta a procuradores uma “boa notícia”. O Supremo Tribunal Federal (STF) havia cassado o aval para Lula dar uma entrevista. A eleição aproximava-se e a Lava Jato queria

o petista calado, para prejudicar a candidatura de Fernando Haddad. “Não vamos alardear isso, não vamos falar pra ninguém, vamos ficar quietos”, afirmava Dallagnol, a pedir silêncio sobre a informação para não haver reação de quem “tem posição contrária à nossa”. A autorização tinha sido dada pelo próprio STF, através do juiz Ricardo Lewandowski, e acabou revogada por outro, Luiz Fux, fato inédito. Fux, em quem Moro *trust*, acabava de garantir a empresários das finanças que a Lava Jato segue. “Essa palavra é de quem no ano que vem assume a presidência do Supremo. Podem me cobrar.”

“A farsa que tem sido desvendada do julgamento combinado [*de Lula*], da aceleração da condenação [*dele*], como o Intercept tem divulgado, ajuda na formação da opinião das pessoas, sabe? Foi

**ATÉ O MOMENTO,
NÃO HOUE QUEM
OUSASSE DIZER
QUE A VOZ DO
PROCURADOR
É IMITAÇÃO**

CAPA

2019

Fux tranquilizou os golpistas ao vetar entrevistas de Lula preso, a Lava Jato alegrou-se com a informação

grotesco o que fizeram na eleição, de tirar o Lula do jogo. Julgamento que interfere na eleição é uma ameaça à democracia.” É a explicação da baiana Marianna Dias, aluna de Pedagogia de 27 anos que se despediu da presidência da UNE no congresso da entidade, para a atitude mais crítica dos estudantes contra Moro diante das conversas secretas. “O jovem tem uma percepção mais afinada, uma dificuldade maior de acreditar em *fake news*, porque estão o tempo todo na internet, vendo informação, isso ajuda na visão sobre esse cenário.”

A existência do áudio enfraquece a linha de defesa do ministro da Justiça e da força-tarefa de que o material do The Intercept não tem autenticidade comprovada e pode ter sido adulterado. Até a conclusão desta reportagem, na quinta-feira 11, ninguém havia dito que a voz de Dallagnol era uma imitação. No dia em que seu áudio veio a público, ele deveria ter ido à Câmara dos Deputados, chamado por uma comissão interessada em ouvir sua versão dos fatos

narrados desde 9 de junho. Dallagnol deu o cano. Na véspera havia mandado um ofício a essa comissão, a de Direitos Humanos, a avisar que não apareceria. “Acredito ser importante concentrar na esfera técnica minhas manifestações sobre mensagens de origem criminosa, cuja veracidade e autenticidade não reconhecemos, e que vêm sendo usadas para atacar a Operação Lava Jato”, disse.

É a defesa-padrão de Moro: não nega o teor das mensagens, semeia dúvidas. O ministro sairá de cena por uns dias. Pegou uma folga de 15 a 19 de julho, algo que teria sido combinado quando aceitou o convite de Jair Bolsonaro para assumir o cargo. Antes de deixar Brasília, perdeu a assessora de imprensa que estava ao seu lado desde a entrada no governo. Outrora

um defensor do “largo uso da imprensa” no combate ao crime de poderosos, Moro agora briga com a mídia, contrariado com a reprodução do noticiário nascido do material obtido por Greenwald. Espera-se que na volta ao batente ele responda a um requerimento de informação apresentado pela bancada do PSOL na Câmara sobre a tentativa da Polícia Federal (PF) de investigar a vida bancária do americano. Moro enrolou sobre o assunto ao depor perante deputados em 2 de julho, o mesmo dia que a iniciativa policial tinha sido noticiada por um *site* defensor do ex-juiz.

Quem também enrolou foi o Coaf, órgão federal de vigilância de movimentações bancárias que teria sido acionado pela PF. Em carta ao órgão, o presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Felipe Santa Cruz, havia cobrado esclarecimentos a respeito da devassa bancária em Greenwald, pois “a manutenção da democracia só é possível com a possibilidade de a mídia atuar livremente”. Provocado



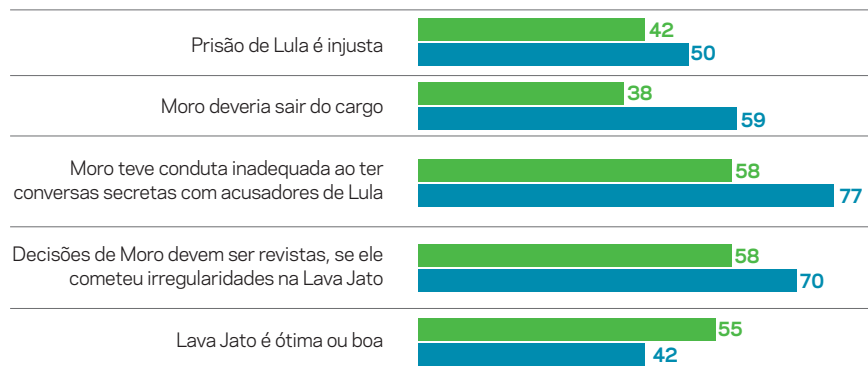
Igor Romário de Paula e Erika Marena trabalharam ativamente a favor do “Russo”, apelido de Moro



RAPAZIADA CRÍTICA A MORO E SIMPÁTICA AO LULA LIVRE

Em %

■ Brasil ■ Estudantes



Fonte: Datafolha

pelo Ministério Público, o Tribunal de Contas da União (TCU), auxiliar do Congresso na fiscalização do governo, tinha dado 24 horas para o Coaf dizer algo. “O Coaf não se pronuncia sobre casos concretos”, foi a resposta do número 2 do órgão, Jorge Luiz Alves Caetano.

A atual cúpula da PF é subordinada a Moro, devedora do ex-juiz e com passagem pela Lava Jato. O diretor-geral dos federais, Maurício Valeixo, chefou a polícia no Paraná durante parte da operação e o diretor de combate ao crime organizado, Igor Romário de Paula, é outro saído da investigação em Curitiba. Ambos foram colocados nos postos atuais por Moro. Mas não é só por isso que o comando da PF é parte interessada no noticiário do The Intercept. Agora se sabe que há delegados nas conversas secretas. Romário é um deles. Trocou mensagens escritas com o procurador Carlos Fernando dos Santos Lima em 7 de julho de 2015, por exemplo. “Igor. O Russo sugeriu a operação do professor para a semana do dia 20”, escreveu o procurador, referindo-se a Moro pelo apelido, “Russo”. “Opa... beleza... Vou começar a me organizar”, foi a resposta.

A delegada Erika Marena é outra oriunda da Lava Jato em Curitiba que despoitou nas conversas secretas. Em 23 de

**MORO JÁ
DEFENDEU
O “LARGO USO DA
IMPRENSA”, HOJE
BRIGA COM QUEM
DIVULGA AS
REVELAÇÕES
DO THE INTERCEPT**

outubro de 2015, dialogou por escrito com o procurador Athayde Ribeiro Costa. Este dizia que o “Russo” havia pedido uma planilha que descrevia pagamentos da empreiteira Andrade Gutierrez a políticos. Resposta de Erika: “Oi Athayde, o russo tinha dito pra não ter pressa pra eprocar isso, daí coloquei na contracapa dos autos e acabei esquecendo de eprocar. Vou fazer isso logo”. Eprocar: juridiquês para a inclusão de algo no sistema eletrônico do Judiciário. Detalhe: Erika foi nomeada em março por Moro como sua representante no? Coaf... Consta que ela foi enviada a Santa Catarina, depois que os parlamentares tiraram o órgão do ex-juiz.

O atual chefe da PF no Paraná, Luciano Flores, participante da condução coercitiva de Lula em março de 2016, disse ao UOL não ver crimes nas conversas, daí inexistir razão para periciar celulares. Os estudantes são bem mais céticos, ao menos em relação ao ministro da Justiça. Para 77% deles, a conduta de Moro nas mensagens foi “inadequada”, 19 pontos percentuais a mais do que na média da população. São 70% os que acham que as decisões do ex-juiz merecem revisão, 12

REPRODUÇÃO, AGENCIA FPA, RODOLFO BUHRER / REUTERS E RODOLFO BUHRER/LA IMAGEM/FOTOARENA



“O jovem tem mais dificuldade de acreditar em fake news,” diz Marianna Dias ao se despedir da presidência da UNE



CAPA

pontos superior à média. E 59% os que defendem que Moro saia do Ministério, 21 pontos acima da média. Registre-se que o segmento “estudantes” no Datafolha não se refere só a universitários. Há secundaristas também, foram ouvidas pessoas com 16 anos ou mais. “O presidente Lula lutou pela educação, o governo (*do qual Moro faz parte*) dá as costas para a educação”, disse na abertura do congresso da UNE o potiguar Pedro Gorki, de 17 anos, presidente da União Brasileira dos Secundaristas, a Ubes.

Os estudantes são atores políticos importantes. Foram eles que saíram às ruas contra o governo Bolsonaro, com dois protestos em maio contra o corte de verbas e perseguição ideológica no ensino público. Numericamente, porém, não são muitos, nem capazes de mudar as coisas sozinhos nas urnas. Dos 147 milhões de eleitores aptos a votar em 2018, só 9,5 milhões tinham de 16 a 20 anos, 6,5%. Se incluídas na conta pessoas de 21 a 24 anos, eram 22 milhões de eleitores jovens, 15% do total. Por isso, para efeitos práticos na política neste momento, o que pesa é o sentimento geral, e esse é esquizofrênico: crítico a Moro, mas sem boa vontade com Lula. O que explica isso?

A primeira explicação é a óbvia. A maioria acha que Lula errou, mesmo entre aqueles que teriam votado nele em 2018. O recém-lançado livro *A Eleição Disruptiva – Por que Bolsonaro venceu* traz certas frases sobre Lula colhidas em pesquisas feitas com pequenos grupos, as chamadas qualitativas, pelo instituto Idea Big Data, cujo dono é um dos dois autores do livro, Maurício Moura. Eis algumas frases: “Pode ter roubado, mas ajudou muito os pobres. Diferente de outros que ficam só pra si”; “Todos os políticos roubam. Ele roubou, mas fez coisas boas para as pessoas e pelo Nordeste”; “Roubou, mas ele fez. Tirou dos ricos para dar pros pobres. E guardou um pouquinho pra ele”.



A campanha organizada pelo PT não foi capaz de mudar a ideia de que algum pecado o ex-presidente cometeu

Segundo a obra, “Lula não era visto pelos seus eleitores exatamente como um criminoso do colarinho-branco ostentativo. Se cometeu delitos, foi para trabalhar pelos mais pobres. E a gravidade do hipotético crime no episódio do triplex, na cabeça desse eleitor, era muito menor do que a das contas na Suíça ou das malas de dinheiro que apareciam quase todo dia nos telejornais”.

A campanha “Lula Livre”, levada adiante pelo PT com apoio de alguns movimentos sociais, não foi capaz de mudar a percepção de que o ex-presidente errou. E olha que não faltaram ações vistosas, como festivais de música a reunir uns famosos, a exemplo de um realizado em junho, em São Paulo, com Arnaldo Antunes, Baiana System, Chico César, Fernanda Takai, Nação Zumbi e Odair José, entre outros. A campanha beira o fracasso, na avaliação do cientista político e sociólogo Aldo Fornazieri. Em um artigo publicado na segunda-feira 8 na internet, ele diz que a campanha “prega



“A ESQUERDA DISTANCIOU-SE, ATÉ FISICAMENTE, DOS MAIS POBRES”, AFIRMA CARLOS SIQUEIRA, PRESIDENTE DO PSB



Moro não desgruda do ex-capitão quando joga a Seleção

para convertidos”, resume-se a atos promovidos por militantes e falhou em conquistar as massas, pois “não consegue explicar de forma didática para amplas parcelas da população as injustiças e manipulações incursas na condenação do ex-presidente”. O resultado disso, na visão de Fornazieri, é que os tribunais superiores em Brasília estão “confortáveis para não rever a condenação de Lula e para mantê-lo preso”.

Esse distanciamento da população é um problema geral dos progressistas, não apenas do comitê Lula Livre e do PT, embora o partido tenha mais culpa por ser maior e ter dirigido o País por 13 anos. E tem uma história anterior à Lava Jato, surgida em 2014. “A esquerda se distanciou até fisicamente dos mais pobres”, afirma o presidente do PSB, Carlos Siqueira. “A votação de parlamentares da melhor qualidade da esquerda se dá muito mais na classe média, nos bairros ricos. Essa classe média progressista tem muita dificuldade de compreender quais são as aspirações daquela classe lá embaixo. Nós precisamos chegar nas favelas assim como chegaram nas favelas e no interior do País as igrejas protestantes.”

Entre os crentes, cerca de 30% do País, a boa vontade com Moro é maior do que a média. Idem a disposição com Lula. Na pesquisa Datafolha, 58% dos evangélicos acham que as conversas secretas do ex-juiz não são motivo para ele deixar de ser ministro. A média geral, recorde-se, é de 54%. Quanto a Lula, 60% dos protestantes consideram “justa” a prisão, acima da média de 54%. Essa direita cristã é a novidade no campo oposto aos progressistas, segundo o recém-lançado livro *O Novo Conservadorismo Brasileiro*, da doutora em ciência política Marina Basso Lacerda, assessora da Comissão de Direitos Humanos da Câmara. “O que diferencia o neoconservadorismo



de outros movimentos e ideologias conservadoras e de direita”, diz a obra, “é a centralidade que atribui às questões reprodutivas e sobre a família tradicional”. Em suma, a direita cristã avançou como reação a temas tabus levantados na era PT, como o aborto e o casamento gay. Bem que na quarta-feira 10 Bolsonaro prometeu indicar alguém “terrivelmente evangélico” para o Supremo.

E os petistas, acham o quê? A presidente do partido, Gleisi Hoffmann, admite: o PT errou quando esteve no poder, ao não estimular a politização dos brasileiros. Nós achávamos, diz a deputada, que melhorar a vida das pessoas ia fazer com que elas automaticamente associassem a ascensão ao governo, e não foi assim. Ao passar pela UnB, em junho, para acompanhar o lançamento de um livro sobre o seu *impeachment* e a vitória de Bolsonaro, Dilma Rousseff lembrou a plateia de uma pesquisa divulgada na época de

sua reeleição, em 2014. Era do instituto Data Popular, que se repaginou e agora se chama Locomotiva. Nessa pesquisa, as pessoas das classes C, D e E atribuíam a melhora de vida ao esforço próprio, depois à família, em seguida a Deus, à sorte, ao patrão e só então aparecia o governo. Quer dizer, as pessoas podem até ter gratidão a Lula e ao PT, mas nem tanto.

Apesar de reconhecer os erros, Gleisi, uma das mais fiéis petistas do Lula Livre, não deixa de apontar o dedo para a mídia. “Houve uma campanha muito forte de criminalização do

PT e do presidente Lula, desde aquele PowerPoint que o chamava de chefe da quadrilha. Nós não fomos capazes de conter isso. É um tema complexo. Dizer que alguém é ladrão é mais fácil do que explicar por que você é inocente”, afirma. Verdade: no caso do triplex do Guarujá, Moro condenou o ex-presidente sem provas.

Ex-presidente da OAB no Rio, ex-deputado pelo PT, Wadih Damous acrescenta: “A Lava Jato criou um efeito colateral de que contra a corrupção vale tudo, até crime”. O triunfo da ideia de que os fins justificam os meios, como praticamente disse o governador de São Paulo, João Doria Jr., em Londres por esses dias. “Se algum erro foi cometido” por Moro, comentou o tucano com a agência britânica de notícias BBC, o benefício foi “salvar o Brasil”. Para Damous, o que surgiu até agora pelo The Intercept é técnico demais e inteligível de menos para alterar o futuro de Lula e de Moro. “A situação só vai mudar se aparecer um áudio inteligível pela população.” •

**WADIH DAMOUS
AVISA: “A SITUAÇÃO
SÓ VAI MUDAR SE
APARECER UM
ÁUDIO INTELIGÍVEL
PELA POPULAÇÃO”**

MAURO AKIIN NASSOR/FOTOARENA